

Linguagem escrita: uma dinâmica de grupo.

Erissandra Gomes¹

Marlene Canarim Danesi²
marlene.danesi@terra.com.br

Written language: a dynamics in group.

Resumo

O presente trabalho, desenvolvido no período de dezembro/99 a junho/00 no Centro de Atendimento Especializado em Deficientes da Audição – CAEDA, baseou-se numa visão sócio-antropológica da surdez, partindo de uma perspectiva Bilíngüe e Bicultural, conforme SKLIAR (1992, 1997, 1998, 1999). Dentro destes pressupostos, partiu-se de KARNOPP (1999), BRITO (1995) e QUADROS (1997) que consideram a Língua de Sinais uma língua de caráter lingüístico. O objetivo do processo fonoaudiológico foi instigar e aperfeiçoar a linguagem expressiva, mais especificamente a escrita, a partir de um trabalho de produção em grupo, no qual os adolescentes são motivados pelas próprias escolhas, criando um ambiente propício para a estimulação da linguagem dentro do contexto social, baseando-se teoricamente em VYGOTSKY (1993,1998). A abordagem utilizada tenta buscar um novo paradigma para o trabalho com surdos, visando a tera-

pias fonoaudiológicas diferenciadas, fundamentadas na representação do surdo, não como um ser patológico, mas sim, um membro de uma comunidade diferente, com cultura e hábitos próprios e com o direito de aprender uma segunda língua, seja ela oral ou escrita, para poder se relacionar com a comunidade majoritária.

Palavras-chave

Surdo, Linguagem Escrita, Língua de Sinais, Grupo

Abstract

The present paper, developed in period between december/1999 and june/2000 in the Specialized Assistance Center for Hearing Defective People – CAEDA, is based on a social and anthropological view of the deafness, from a bilingual and bicultural perspective, as SKLIAR (1992, 1997, 1998, 1999). In these presuppositions, the study was based on KARNOPP (1999), BRITO (1995) e QUADROS (1997), who consider the Sign Language a

language with linguistic features. The objective of the phonoaudiologic process was to stimulate and improve the expressive language, more specifically the written one, from a production work in group, in which the teenagers are encouraged by their own choices, creating an adequate environment to stimulate the language inside a social context, based theoretically on VYGOTSKY (1993,1998). The approach used tries to search for a new model to the work with deaf people, aiming at distinguished phonoaudiologic therapies, supported in the deaf representation, not as a pathological being, but as a member of a different community, with his own culture and habits and also entitled to learn a second language, be oral or written, in order to be able to relate to people from the other communities.

Key words

Deaf Person, Written Language, Sign Language, Group

¹ Fonoaudióloga. Mestranda em Ciências Médicas: Pediatria – UFRGS.

² Fonoaudióloga. Mestre em Problemas e Patologias do Desvalimento - UCES. Docente e Supervisora de Linguagem do Curso de Fonoaudiologia da Rede Metodista – IPA.

A visão sócio-antropológica da surdez, que tem em SKLIAR (1992, 1997, 1998, 1999) o seu principal difusor, apresenta uma ideologia diferente da visão clínica centrada na ouvintização, pois aborda o paradigma social, cultural e antropológico da surdez e aprofunda os conceitos de Bilingüe e Bicultural. O modelo Bilingüe prioriza o acesso a duas línguas: a primeira língua – a Língua de Sinais –, utilizada na comunicação entre os pares e no acesso ao desenvolvimento global, na medida em que é percebida como uma verdadeira língua, e a segunda língua – língua oral ou escrita –, como meio de integração à sociedade ouvinte. Partindo do acesso das duas línguas, o sujeito desenvolve-se inserido numa rede Bicultural (cultura surda e ouvinte).

O objetivo do Bilingüismo é propiciar a integração do surdo na sociedade, com o aprendizado da segunda língua, baseado no respeito e na aceitação da sua identidade cultural. A Língua de Sinais, para o surdo, proporciona uma comunicação social e o desenvolvimento dos processos cognitivos, além de garantir um espaço psicossocial com o mundo e consigo mesmo e ser o elo de transmissão dos valores culturais (FERNANDES, 1990). SKLIAR *et al.* (1995) abordam que os objetivos do Bilingüismo são proporcionar: ambiente adequado para o desenvolvimento cognitivo-lingüístico, desenvolvimento social e emocional com base na identidade

de surda e o acesso íntegro ao conhecimento e às informações pela Língua de Sinais.

bal dos surdos. O aspecto cognitivo é estimulado pela influência da língua nos processos da atividade

Para BEHARES (1999) e BRITO (1995), além das características lingüísticas, a Língua de Sinais influi no desenvolvimento global dos surdos.

A Língua de Sinais é usada há bastante tempo pelos surdos como forma de comunicação, mas, seu reconhecimento como verdadeira língua é recente. De acordo com BEHARES (1999), foi somente depois de STOKOE³ que a Língua de Sinais adquiriu reconhecimento pelas características lingüísticas. A concepção stokeana postula que, para uma língua ser considerada natural, ela precisa ser utilizada por uma comunidade, como meio de comunicação difusora de valores constituintes de uma identidade que os assemelha, e também devem existir falantes que a adquiriram como primeira língua.

Para KARNOPP (1999), a Língua de Sinais é uma língua natural porque desempenha várias funções (social, cognitiva e comunicativa): apresenta uma infinita produção na combinação dos sinais, há arbitrariedade entre signo e referente, e tem um léxico e uma gramática. Para BEHARES (1999) e BRITO (1995), além das características lingüísticas, a Língua de Sinais influi no desenvolvimento glo-

mental e do pensamento. O outro aspecto, o da socialização, é determinado pela transmissão dos valores culturais e da identidade surda.

SKLIAR *et al.* (1995) ressaltam que a aquisição da Língua de Sinais, como primeira língua, não impede que a criança perca a capacidade e a motivação de aprender uma segunda língua; ao contrário, o suporte lingüístico fornecido pela língua natural ajuda no aprendizado da segunda língua.

Linguagem

A linguagem, que tem uma função cognitiva e comunicativa, apresenta os seus aspectos estimulados nas relações sociais e no sentido que a linguagem conota entre os interlocutores. Neste trabalho priorizou-se a questão social, enfatizada por VYGOTSKY (1993, 1998). Para VYGOTSKY (1998), a linguagem surge, inicialmente, como a forma utilizada pela criança para se comunicar com as pessoas do seu meio. Com o passar do tempo, a lin-

³ STOKOE, W. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the american deaf. University of Buffalo Press, New York, 1960.

guagem é internalizada e começa a atuar como organizadora do pensamento e transformadora dos processos mentais.

As pessoas, na concepção vygotskyana, são ativas nos processos do desenvolvimento, podendo intervir no seu aprendizado. Este aprendizado é visto fundamentalmente sob o prisma social, a partir do momento em que a criança começa a interagir com o meio e passa a obter cooperação de outros indivíduos. Para a ocorrência de evoluções neste aspecto, faz-se necessário também o fator motivacional.

Linguagem Escrita

Como já foi exposto, a terapia fonoaudiológica enfatizou o aspecto social da linguagem, defendido por VYGOTSKY (1993, 1998). O psicólogo russo não dissocia a função comunicativa da intelectual, até porque, considera que, para uma comunicação ser verdadeira, ela deve estar imersa numa rede de significados. Em concordância a esse pressuposto, a leitura e a escrita não serão vistas pelas atitudes mecanicistas, mas sim, através de um sujeito cogniscente, inserido num meio que lhe proporciona conflitos para que possa construir o seu desenvolvimento (FERREIRO, 1993 e FERREIRO e TEBEROSKY, 1985).

FERREIRO (1993) e FERREIRO e TEBEROSKY (1985) enfatizam que a criança constrói e reconstrói (porque só assim é capaz de se

apropriar) a sua escrita, através da interação com os outros. O outro é quem proporciona situações de conflitos que serão solucionadas ou não. O importante é que é nas tentativas de resolução que o sujeito evolui, pois o interessante não é o acerto ou o erro, mas a lógica do processo. As autoras pensam que a criança precisa ter noção da função social da escrita, acesso aos diferentes tipos de produções textuais e compreensão do sistema alfabético, pois somente assim a aquisição da escri-

Linguagem Escrita no Surdo

FERREIRO (1993) comenta que, no início, todos usamos a língua materna como apoio da escrita, mas que, posteriormente, os símbolos se dissociam, tornando-se próprios. SÁNCHEZ (1998) postula que para a aquisição e o domínio da escrita é necessário que o surdo tenha: um desenvolvimento normal da linguagem, através da indispensável aquisição da

VYGOTSKY (1998) defende que a leitura e a escrita devem ter significado para a criança e devem surgir da necessidade interior para serem, posteriormente, necessárias e relevantes para ela.

ta se afirmará como um produto da construção e não como um decifrar e uma cópia de letras.

VYGOTSKY (1998) defende que a leitura e a escrita devem ter significado para a criança e devem surgir da necessidade interior para serem, posteriormente, necessárias e relevantes para ela. Para existir uma verdadeira aprendizagem da linguagem escrita, é imprescindível que o ato de ler e de escrever permita ao indivíduo o pensar e o expressar de suas idéias, opiniões e sentimentos. O sujeito necessita ter contato com todos os tipos de materiais escritos para que possa explorá-los e, depois, redigi-los.

primeira língua (a Língua de Sinais) e dos processos comunicativos ricos em significados pelo contato com outros membros da comunidade surda; um aporte intelectual satisfatório, proporcionado pelo desenvolvimento da linguagem; acesso à prática social da língua escrita.

Os surdos, com a Língua de Sinais, são capazes de construir seqüências complexas, mas, quando necessitam fazer o mesmo com a língua escrita, apresentam dificuldades pelo pouco domínio da língua portuguesa. As conseqüências disso são percebidas pelas seguintes características (COSTA, 1998): priorização do tema no início da frase; dificul-

dade na organização sintática; omissão ou substituição dos elementos gramaticais; dificuldade na conjugação dos verbos; restrita designação de gênero, número e pessoa; limitação do léxico.

É necessário, para os surdos, que o ensino da escrita seja fundamentado no respeito à Língua de Sinais e na não-rotulação desses sujeitos como indivíduos incapazes de pensar e de produzir. O importante, frente às produções dos surdos, é entender as suas construções para poder, posteriormente, ajudá-los, e não apenas classificá-las como desviantes.

Grupos

Segundo PICHON-RIVIÈRE (1982) os grupos têm por objetivo proporcionar desenvolvimento nos diversos aspectos ou algum em especial para todos os participantes, no momento em que as ações são pensadas no coletivo, gerando uma participação efetiva dos sujeitos.

O aprendizado, num grupo, dá-se pelo engajamento dos indivíduos num projeto e, neste momento, o diálogo e a busca pelas diferentes informações são imprescindíveis. No planejamento e na construção de um projeto, há a colaboração coletiva, criando suportes para o desenvolvimento dos indivíduos. O projeto deve ser do interesse de todos. E, sempre que for possível, as atividades propostas para o desenvolvimento do projeto deverão impulsionar os participantes para a moti-

vação. A motivação é instigada por propostas reais de interação e por aspectos que sejam interessantes ao grupo, porque o avanço no conhecimento é resultante destas condições motivacionais que impulsionam a troca de informações.

Metodologia

O planejamento terapêutico foi realizado com base na concepção de linguagem de VYGOTSKY (1993, 1998), considerando-se a perspectiva Bilíngüe e Bicultural e a visão sócio-antropológica da surdez, segundo SKLIAR (1992, 1997, 1998, 1999). A linguagem escrita foi o centro da terapia fonoaudiológica, considerando a importância do contexto social e da escrita sig-

nificativa (FERREIRO, 1993). Por acreditarmos que o desenvolvimento da estrutura do código não se dissocia do conteúdo, nossa proposta foi oferecer suporte lingüístico através do contato com material literário, priorizando os níveis lingüísticos e a análise dos conteúdos e, por meio disso, fornecer condições para o aprimoramento da forma da língua escrita.

dificuldades na escrita, pensamentos e gostos em comum, resolvemos propor a formação de um grupo de trabalho. Para que a linguagem escrita pudesse ser estimulada num contexto social significativo e, a partir daí, surgisse o aprimoramento do português na forma e no conteúdo, sugerimos a confecção de um jornal para ser distribuído à comunidade.

O trabalho em grupo foi realizado uma vez por semana, durante quarenta e cinco minutos, ficando responsáveis pela coordenação do grupo as estagiárias de fonoaudiologia Erissandra Gomes e Letícia Puricelli. As estimulações em relação à linguagem escrita foram propiciadas respeitando o ní-

No planejamento e na construção de um projeto, há a colaboração coletiva, criando suportes para o desenvolvimento dos indivíduos.

vel lingüístico-cognitivo de cada participante. O planejamento das tarefas do grupo foi discutido entre as estagiárias e a supervisão, de modo que abordássemos a linguagem escrita em contextos reais de comunicação. Os procedimentos eram debatidos no intuito de instigarmos a construção do sentido no ato de escrever.

Durante todo o período de trabalho, foi respeitado o desejo dos adolescentes e foram proporciona-

dos os desejos dos adolescentes e foram proporcionados os recursos necessários para a realização do projeto.

Os resultados do projeto foram avaliados através de questionários aplicados aos participantes, com o objetivo de conhecer a opinião deles sobre o trabalho realizado.

das sugestões de atividades que os motivassem a ter contato com material escrito de diferentes níveis, a produzir textos e a descobrir a forma da língua escrita. Os escritos eram revisados e avaliados pelos próprios surdos (individualmente ou em grupo) com a ajuda das coordenadoras, com o intuito de que os mesmos se auto-corrigissem, criando situações de confronto e soluções para chegar à melhor forma possível do português escrito. A forma da escrita dos surdos sempre foi valorizada e a Língua de Sinais era comparada ao português, enfatizando as suas diferenças. A preocupação era proporcionar aos adolescentes uma produção escrita correta. Experimentar, vivenciar e pesquisar foram fundamentais para motivar os adolescentes a produzir os próprios textos.

As nossas atividades iniciaram pela observação e exploração de jornais, sobre os componentes do mesmo, a forma de escrever, a disposição dos cadernos. Realizamos uma votação para o nome, seguindo a estrutura de uma eleição. Sobre os temas, os próprios surdos recortavam o que era de interesse deles e conversamos sobre as reportagens e as fotos, para após vivenciarmos o que eles já tinham conhecimento. Realizamos algumas visitas para troca de experiências, que posteriormente foram relatadas.

Intercalando com as atividades dos filmes e seus resumos, fizemos: confecção de palavras cruzadas, jogo de stop e dos erros na es-

crita, atividades de raciocínio lógico, significados múltiplos e ocultos e discussões sobre assuntos trazidos pelos próprios adolescentes surdos. O grupo também teve contato com poesias dos mais diversos autores e com receitas variadas, que eram exploradas em relação aos ingredientes e aos procedimentos. Além disso, foi proporcionado contato com relatos de surdos, nos quais relatavam a sua história, a aceitação na família, a importância da Língua de Sinais. Em relação aos esportes e às profissões, temas escolhidos para constarem no jornal, trouxemos materiais que foram explorados pelo grupo. O grupo de adolescentes foi, ao longo dos encontros, escolhendo os temas,

sideradas as diferenças e as especificidades da linguagem e do nível cognitivo de cada um.

O respeito à Língua de Sinais e a maneira com que as estagiárias trabalhavam com a questão da escrita fizeram com que os adolescentes produzissem mais. Durante todos os procedimentos, sempre incentivamos os adolescentes surdos no que se refere à valorização de si próprios. Este tipo de intervenção reforçou, além da auto-estima, o poder de crítica com base na franqueza e no respeito entre os pares. O grupo também começou a se respeitar mais, de modo que o preconceito pelas diferenças cognitivas existentes cedeu lugar ao companheirismo e à ajuda mútua. Todas as situações

A Língua de Sinais, além de servir como meio de comunicação entre os pares, também propicia o desenvolvimento da função cognitiva...

produzindo os textos e organizando os assuntos presentes no jornal.

As evoluções significativas em relação à linguagem dos surdos, inclusive a linguagem escrita, não são imediatas, mas, a longo prazo. Para nós, o importante neste trabalho de escrita em grupo, foi o processo de crescimento vagaroso e sistemático, proporcionando aos surdos o alcance de uma maior profundidade em relação à escrita. Os adolescentes surdos que participaram do grupo apresentaram evoluções, sendo con-

de estimulação em relação às capacidades serviram para incentivá-los quanto ao futuro profissional e à importância dos estudos, nunca deixando de situá-los na difícil realidade no caso dos surdos.

Conclusões

A Língua de Sinais, além de servir como meio de comunicação entre os pares, também propicia o desenvolvimento da função cognitiva, já que esta língua oferece aos in-

divíduos surdos uma linguagem com significados. Por ser uma língua verdadeira, a Língua de Sinais lhes proporciona o desenvolvimento da linguagem em relação aos dois aspectos: o social e o intelectual.

Por considerarmos relevante a aquisição da língua natural dos surdos dentro de um contexto significativo, nossos procedimentos foram sustentados no respeito à Língua de Sinais e aos surdos. Com base nisso, o trabalho de escrita em grupo com os adolescentes surdos foi desenvolvido a partir das escolhas dos próprios participantes. A maneira como abordamos o processo fonoaudiológico fez com que valorizássemos ainda mais a perspectiva Bilíngüe e a visão sócio-antropológica da surdez em relação à linguagem escrita.

Os procedimentos terapêuticos visaram ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento da escrita em todos os aspectos. Os adolescentes foram instigados a pensar sobre o ato de escrever, no que se refere à forma e ao conteúdo, porque acreditamos que o aspecto formal da escrita só é capaz de ser desenvolvido através de uma forma significativa. Nossa proposta tentou mostrar que é possível trabalhar com a linguagem escrita, através de atividades prazerosas e significativas, buscando desenvolver uma "terapia" com base no respeito e no desejo dos indivíduos.

O respeito, no caso dos surdos, vai mais além, porque nos remete à questão da valorização da língua natural dos surdos – a Língua de Sinais.

A escrita, sendo estimulada a partir da Língua de Sinais, possibilitou o manejo com as alterações, as dificuldades e as superações de uma maneira não-patológica. O processo de autocorreção proporcionou o crescimento sistemático dos adolescentes em relação aos níveis lingüísticos.

Com esse trabalho inovador, que tinha como tema principal instigar e aperfeiçoar a linguagem escrita em grupo a partir de um tema central orientador – o jornal –, tivemos o intuito de contribuir para novos paradigmas fonoaudiológicos. Tentamos demonstrar que é possível proceder com uma alternativa diferenciada a partir dos interesses dos sujeitos. Gostaríamos que o nosso trabalho servisse como propulsor de novas abordagens e de tentativas de novas experiências, pois a função do fonoaudiólogo é também de investigar, no sentido da promoção de procedimentos terapêuticos prazerosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEHARES, Luis E. Línguas e Identificações: as Crianças Surdas entre o "sim" e o "não". In: SKLIAR, Carlos (org.). Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos: Interfaces entre Pedagogia e Lingüística. v. 2. Porto Alegre: Mediação, 1999. p.131-148.
- BRITO, Lucinda F. Integração Social & Educação de Surdos. Rio de Janeiro: Babel Editora, 1995. 116p.
- COSTA, Dóris. A Construção da Escrita por Indivíduos Surdos: um percurso a ser desvendado. In: COSTA, D.; BERNARDINO, E.; VIETO, P. I SEMINÁRIO SOBRE LINGUAGEM, LEITURA E ESCRITA DE SURDOS. 23 a 26/março/1998. Belo Horizonte, Auditório Fde/UFMG. ANAIS: CEALE. p. 193-214.
- DANESI, Marlene C. Linguagem e Surdez. Porto Alegre: IMEC. 2000. Anotações de Supervisão.
- FERNANDES, Eulália. Problemas Lingüísticos e Cognitivos do Surdo. Rio de Janeiro: Agir, 1990. 162p.
- FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. Psicogênese da Língua Escrita. [trad. Diana Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso]. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 284p.
- FERREIRO, Emilia. Com Todas as Letras. [trad. Maria Z. Lopes]. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1993. 103p.
- KARNOPP, Lodenir B. Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: Estudo Longitudinal de uma Criança Surda. Tese de Doutorado. PUCRS, 1999. 264p.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. O Processo Grupal. [trad. Marco Aurélio F. Velloso]. São Paulo: Martins Fontes, 1982. p.87-181.
- QUADROS, Ronice M. de. Educação de Surdos: A Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 126p.
- SKLIAR, C., MASSONE, M. I. e VEINBERG, S. El Acceso de los Niños Sordos al Bilingüismo y al Biculturalismo. Infancia y Aprendizaje. Madrid. p. 69-70, 85-100.1995.
- SKLIAR, Carlos. La Evaluación de la Relación Pensamiento-Lenguaje en los Niños Sordos. Revista Fonoaudiológica. Buenos Aires. 1992.
- _____. Uma Perspectiva Sócio-Histórica sobre a Psicologia e a Educação dos Surdos. In: SKLIAR, Carlos (org.). Educação & Exclusão: Abordagens Sócio-Antropológicas em Educação Especial. Porto Alegre: Mediação, 1997. p.105-153.
- _____. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (org.). A Surdez: Um olhar Sobre as Diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. p.1-32.
- _____. A Localização Política da Educação Bilíngüe para Surdos. In: SKLIAR, Carlos (org.). Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos: Interfaces entre Pedagogia e Lingüística. v. 2. Porto Alegre: Mediação, 1999. p.7-14.
- VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. [trad. Jeferson Luiz Camargo]. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 169p.
- _____. A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. [trad. José C. Neto; Luís S. Menna Barreto; Solange C. Afeche]. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 179p.